

## A relação sujeito-sujeito-objetivo: estudo propositivo das intencionalidades na prática do Judô

Sérgio Oliveira dos Santos<sup>1</sup>  
Eduardo Dantas Bacellar<sup>2</sup>

**Resumo:** Visando reconhecer o processo de humanização na expressão do homem por sua motricidade, analisamos as práticas motoras de judô procurando construir um olhar para além dos aspectos técnicos a partir do estudo das intencionalidades. Partindo do conceito de totalidade trazemos uma compreensão da relação dialógica estabelecida entre os praticantes de judô e que podem ser transferidas para demais atividades motoras de combate. O estudo das intencionalidades permite identificar propósitos mais amplos para o ato de lutar sempre permeado pela questão: *o que motiva-nos lutar com o outro?* Objetiva-se trazer para discussão as diferentes motivações e dimensões da luta de judô, em especial nos espaços educativos/formativos, explorando o processo de valorização do outro dirigido para as relações interpessoais humanas.

**Palavras Chave:** Judô, intencionalidades, relação sujeito-objeto-objetivo.

**Abstract:** Aiming to recognize the process of humanization in the expression of the human for his motricity, we analyze the practices motors of judo trying to build a look at for besides the technical aspects from the study of the intentionalities. Leaving from the concept of totality we bring an understanding of the relation dialogical established between the apprentices of judo and what can be transferred to too much body activity of combat. It allows the study of the intentionality to identify wider purposes for the act of fighting always permeated by the question: *what causes us to fight with other?* The objective is to bring to discussion the different motivations and dimensions of the judo fight, in special in the educative / formative spaces, exploring the process of increase in value of other directed for the interpersonal human relations.

**Keywords:** Judo, intentionality, relationship subject- object- objective.

*“A existência humana revela-se infinitamente múltipla e mutante, num modo concreto de existir, a coexistência! Assim, a motricidade há que interpretá-la como um corpo que se propõe e se ex-põe a outros corpos, com os quais com-põe o mundo interpessoal e comunitário. A motricidade, a intencionalidade operante, é a evidência de uma dialética incessante corpo-outro, corpo-mundo, corpo-coisa, onde jorra e se actualize o sentido.”(SERGIO, 1999, pag. 135-136)*

### Introdução

É evidente que todo educador consciente, vez ou outra, traz à tona questões pertinentes ao sentido de sua atividade docente. Esta inquietude diante dos fenômenos que ocorrem no espaço educativo faz emergir um turbilhão de proposições na constante tentativa de compreender essa complexa realidade. Há os que se contentam em focar sua atenção na estabilidade destes fenômenos buscando certezas e verdades racionalizadas, tal como se prostrar admirando *flores de plástico*. Nossa perspectiva,

---

<sup>1</sup> Mestrando do PPGE da Univ. Metodista de São Paulo. Professor de Educação Física e Coordenador do Núcleo de Formação de Judô da PMSCS . Bolsista CAPES/PROSUP.

<sup>2</sup> Mestre em Educação Sócio-Comunitária (UNISAL). Prof. USJT e Uni Sant`Anna. Coordenador Geral do Judô da PMSCS. Sensei Kodansha 6º Dan

no entanto, busca entender a realidade em sua complexidade, pois acreditamos que quanto mais assim a considerarmos mais unimos à natureza do humano os processos biológicos dos valores sócio-culturais.

Nessa perspectiva, é determinante estabelecer um foco de análise, uma observação direcionada. No presente artigo resolvemos levantar perguntas a respeito das relações que se formam entre aqueles que, por longos anos, interagem corpo a corpo na luta de judô num espaço formativo sem a pretensão imediata de respondê-las. A prática reflexiva vivida por longos anos nos levou a estes questionamentos, tais como: Quais são os propósitos das atividades que os alunos vivenciam e experimentam nas aulas de judô? Que significado possuem na formação desses sujeitos? O que é realmente significativo nas relações humanas de crianças e jovens praticantes de judô? Qual a contribuição da prática do judô na formação de relações humanizantes? Como os espaços de vivência desta prática (*dojos*) estão assegurando os direitos das crianças e adolescentes? Para onde estão convergindo as intencionalidades dos jovens lutadores? Que modelos são valorizados? Por que, afinal de contas, ensinamos luta nos dias de hoje?

Perguntas similares tinham sido levantadas em recente artigo intitulado: “*um modelo relacional da motricidade*”<sup>3</sup> cuja preocupação recaía sobre os modelos relacionais vividos nas atividades de jogos e esportes competitivos no espaço escolar. Discutiu-se a valorização excessiva no ato de vencer o outro em detrimento da valorização do ambiente lúdico-criativo e foi apresentado um modelo para direcionar as intencionalidades dos jogadores para outros tipos de reconhecimento e valorização da sua prática corporal. Sem dúvida, o desenvolvimento desse estudo contribuiu de maneira marcante no levantamento das questões aqui apontadas, porém, numa relação sujeito-sujeito sem o intermédio de objeto algum, que é o caso do judô.

A intencionalidade, termo central neste trabalho, tem sua formulação original por Brentano<sup>4</sup> que explicava a intencionalidade como *um ato de entendimento dirigido ao conhecimento do objeto*. Porém, é o alemão Edmund Husserl quem apresenta a idéia de intencionalidade referida aqui. “Para Husserl a intencionalidade é a *forma apropriada de ser da consciência*, é nesse sentido que se diz que *não há consciência que não esteja em ato, dirigida para um determinado objeto*. É a consciência sempre intencionada a algo. Já os objetos só têm sua existência garantida enquanto adequados à consciência do sujeito que o capta”. (SILVA, 2008)

A consciência, por sua vez, pode ser tomada em três sentidos (DANTAS, 2001, pág. 162): *a unidade de um mesmo fluxo de vivência, a percepção interna deste fluxo unitário e a vivência intencional*.

Uma obra bastante profunda e esclarecedora deste conceito ligado à motricidade humana é *A intencionalidade do corpo próprio* de Paulo Dantas<sup>5</sup>. Nessa obra a intencionalidade e a idealidade são apresentadas como “reflexão sobre possibilidades ideais, esforço de inteligibilidade como compreensão descritiva, a interpretação fenomenológica da relação do ato-sujeito determina-se pela atenção às coisas mesmas, e orienta-se a partir da sua maneira de serem dadas intencionalmente”

<sup>3</sup> SANTOS, S.O. **Um modelo relacional da motricidade**. São Paulo: Cemoroc Feusp. Revista Collatio nº 11, abril-junho de 2012, pags 45-54. <http://www.hottopos.com/collat11/45-54Sergio.pdf>

<sup>4</sup> Brentano foi o primeiro filósofo a formular o conceito de *intencionalidade*. No entanto, ele não é o criador de outros conceitos fundamentais apresentados nesta teoria. Ele mesmo confessa que, por um lado, é discípulo de Aristóteles, fonte de toda sua concepção ontológica. Por outro lado, ele explicita o desenvolvimento histórico da noção de *existência intencional*. Pois se trata de uma idéia germinada no pensamento aristotélico que, no entanto, chega a sua época passando por Filão de Alexandria e Tomás de Aquino. (Brito, E. **A Psicologia como uma ciência empírica segundo Franz Brentano**. Disponível em : <http://www.paradigmas.com.br/parad11/p11.6.htm>)

<sup>5</sup> DANTAS, P. **A intencionalidade do corpo próprio**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001.

(HUSSERL, 1901: V, pág. 1-45 citado por DANTAS, 2001, pág. 113-114). O conceito de intencionalidade reforça a importância das *vivências de significação* e das *vivências intencionais*, ou seja, não basta só fazer, é necessário considerar a vivência intencional, a consciência em cada ato.

Outro conceito ligado diretamente à intencionalidade é o de motivação, a energia do ser humano. A estrutura da motivação é de implicação: *se, então; uma vez que; logo*. Esta estrutura revela diferentes orientações e o ser humano, enquanto sujeito das premissas de sua ação. *Quando alguém diz com segurança: “eu quero”, há nesta sua afirmação uma energia operante, que se converte em projeto, muito anterior a conduta que lhe dá sentido. E é o corpo que oferece o espaço e é o corpo que fala e é o corpo que revela e desvela os possíveis desta subida para a transcendência.* (SÉRGIO, 1999, pág. 224). Por aí já se pode notar a importância de buscar um olhar para além da técnica.

### **Do visível ao invisível: a compreensão do homem por suas instituições, linguagens e ações**

Enxergar o invisível numa ação visível, encontrar o subjetivo no ato objetivo, é certamente um dos maiores desafios dos educadores contemporâneos. Na prática do judô, assim como em outros esportes, existe um forte componente de desvalorização do invisível sobre o visível, do subjetivo pelo objetivo, do sensível pelo inteligível, do estético pelo técnico, no entanto, a motricidade humana se apresenta em condutas integradas, únicas, ou seja, que não se repetem por isso, seguiremos o caminho de *“articular a compreensão com a explicação, num ser inacabado, aberto e dinâmico, que se movimenta da imanência à transcendência, da natureza a cultura”* (SERGIO, 1999, pág. 27)

O acesso indireto à compreensão do homem por suas ações, instituições e linguagens, como nos mostra Josef Pieper<sup>6</sup> em seu método da antropologia filosófica, tem sido efetiva no levantamento e encaminhamento das questões levantadas, neste sentido, dando suporte para enxergarmos aquilo que motiva o ensino e a prática da luta de judô em espaços formativos/educativos no momento contemporâneo. É necessário resgatar os grandes *insights* que já não se encontram disponíveis à consciência presente, ou seja, o “homem” não pode ser compreendido como objeto direto de análise. Essa metodologia possibilita o entendimento das experiências e vivências do *randori*, do *uchi komi*, do *kata*, do *shiai*,<sup>7</sup> entre outras práticas do judô, para além daquilo que é “visível” nas relações humanas que as permeiam, ou seja, para nossa intenção de analisar se estas experiências possuem caráter formador de relações humanizantes, se são extensões da desejabilidade humana de superar o outro, a busca de superar a si mesmo ou uma outra dimensão até então não observada desta realidade. Nos interessa estudar a instituição judô e seus eventos, sua linguagem corporal, suas técnicas e seu modo de fazer, ou seja, a luta.

De pronto já enxergamos uma singela, porém profunda diferença na relação do jogador com sua bola, objeto de estudo e análise do artigo citado anteriormente, e seu comparativo com a interação judoca-judoca. Apesar do jogo ocorrer numa relação de interação entre sujeito-objeto-objetivo, portanto uma relação dialética, existe um fato que é inegável: *a consciência do ato intencional do jogo está no jogador e não na bola*, o jogo ocorre porque o jogador assim deseja e não porque a bola quer. É evidente que num jogo existem as intencionalidades de outros jogadores, porém, em

---

<sup>6</sup> Josef Pieper (1904-1907), conhecido filósofo alemão.

<sup>7</sup> Formas de prática do Judô respectivamente: treino livre, prática de entrada de golpes, treinamento das formas de golpe, competição.

geral, as ações de todos são orientadas a partir do movimento da bola. Partindo desta referência, como fica então o caso do judô, uma vez que ambos os praticantes possuem intencionalidades e não existe um objeto de expressão intermediário das relações, como no caso dos jogos com bola. Só existe a luta de judô porque ambos os praticantes querem<sup>8</sup>. A questão é, nesta relação dialógica<sup>9</sup>: para onde querem ir? Qual a função do outro nesta busca? Que sentindo podemos dar ao ato de lutar? Estes sentidos modificaram-se historicamente?

Outro fato fundamental está na dinâmica de reconhecimento do outro. Reconhecer o objeto “bola” no jogo, mesmo que pensado de forma dialética, não é o mesmo que reconhecer o outro humano na experiência de lutar. Quanto esforço de descentralização exige a construção do reconhecimento do outro através da vivência da luta? O que está entre *eu* e *tu* que torna a luta possível?

A tônica destes questionamentos é pertinente nos estudos das relações humanas uma vez que, ao realizarmos movimentos sem sabermos seus objetivos estamos atuando de forma mecânica. Não há neste agir dimensão humanizante. Uma ação sem sentido distancia o ser humano de si mesmo, aliena-o e o torna mais manipulável. Assim é evidenciado na afirmação de FEITOSA (1999, pág.70) “*É obvio que o desenvolvimento humano passa pelo corpo e ultrapassa a dimensão visível de tudo o que somos*”.

Como nos diz SÉRGIO (1999, pág. 22) “*a formulação de um problema é o primeiro passo para a sua resolução*”, assim ficamos desafiados a iniciar este estudo preliminar de caráter propositivo a respeito das intencionalidades nas vivências motoras de combate, próprias da luta de judô, e das possíveis contribuições na formação humanizante na tentativa de entender o dinamismo relacional sujeito-sujeito-objeto deste fenômeno humano. Não buscamos com isso estabelecer um determinismo estável e permanente diante da complexidade do fenômeno do ato de lutar. Interessam-nos as evoluções, as divergências e as instabilidades, ou seja, a própria característica essencial da luta... a incerteza.

### **Superar o “bullying”: a motivação de Jigoro Kano para a prática da luta**

A motricidade humana, um caminho do homem por questões da vida onde o movimento o corporifica, perguntas que conduzem ao movimento da transcendência<sup>10</sup>, pela intencionalidade e desejabilidade<sup>11</sup>, ou seja, superação, constitui um projeto, leva a mover em direção a algo desejado. Essa trajetória, vivida por Jigoro Kano de encontro ao *ju-jutsu*<sup>12</sup>, pode ser ilustrada nas palavras de SÉRGIO (1994, pág. 32) “*e porque o homem é um ser carente e consciente dessa carência, não só a insatisfação nele ressoa tensa e intensa, no mais fundo de si mesmo, como a motricidade é anterior*

---

<sup>8</sup> A intencionalidade neste sentido assume uma forma diferente, pois se trata da relação sujeito- sujeito assim, “*a intencionalidade assume novos contornos quando a consciência dá-se conta da alteridade do outro. Quando eu percepciono o outro que me percepçiona, tenho a fundamentação da existência de um universo intersubjetivo. É essa existência que possibilita a comunicação. Husserl encontra a solução para o problema da comunicação, o que era impossível segundo o cogito cartesiano*”.(VIVIANI, 2004)

<sup>9</sup> Relação estabelecida por trocas que, neste sentido trata-se da linguagem corporal, uma comunicação gestual através das técnicas de judô que possuem componentes lingüístico em função dos significantes e significados próprios da atividade. Podemos entender como uma *dialogicidade corporal*.

<sup>10</sup> Termo usado pela Ciência da motricidade humana como a busca de superação. *Ser humanamente é agir para ser mais*.(SÉRGIO, 1994, pág. 24)

<sup>11</sup> De caráter desejável, daquilo que se quer, daquilo que se projeta.

<sup>12</sup> O *jujutsu* é o termo que designava uma serie de práticas de lutas corpo a corpo com ou sem armas. Seu significado semântico e marcado pelo *ju* (flexibilidade) e *jutsu* (arte ou técnica) , ou seja, a arte de usar a flexibilidade de uma forma adequada para vencer um oponente em um combate

*a idéia de carência e, por vezes, independente dela. O homem move-se, para superar-se e supera-se, como respira...naturalmente!”*

Nada mais pertinente pra começar a discutir as questões anteriores do que seguirmos em busca dos fatos que motivaram Jigoro Kano, o idealizador do judô, a praticar, uma luta em sua juventude.

A passagem a seguir retrata esse momento histórico:

As pessoas muitas vezes me perguntam por que passei a estudar o *ju-jutsu* e por que criei a Kodokan. A motivação que tive pra começar a praticar o *ju-jutsu* é completamente diferente da que relato hoje ao explicar minhas razões de ter criado o Judô. Quando menino, eu estudava muitas matérias, chinês clássico, caligrafia, inglês e outras. Mais tarde, em 1873, deixei minha casa pela primeira vez para ingressar num colégio interno, Ikei Gijuku, localizado em Karasumori-cho, Shiba, Tóquio (...)

Antes de ingressar neste internato, eu tinha aprendido a ler inglês elementar numa escola elementar particular em Shuhei Mizuki. Portanto, em Ikuei Gijuku, estava no mesmo nível de inglês de meus colegas. Entre estes, havia muitos que eram fisicamente frágeis e, por conseguinte, quase sempre ficavam sob o domínio dos meninos maiores e mais fortes. O mais fraco era forçado a ser servil para com o mais forte. *Uma vez que eu era um dos meninos mais fracos, tinha de levar recados a mando dos meninos mais fortes (...)* Nas atividades escolares em geral eu me equiparava aos meus colegas, *mesmo assim eu era muitas vezes tratado com descaso e desprezo.* Desde criança, minha curiosidade foi despertada quando ouvi falar pela primeira vez em *ju-jutsu*, um método de luta em que, com pouca força, pode-se superar o adversário fisicamente mais forte (...) *Na verdade eu não consegui ninguém disposto a me ensinar. Por isso, continuei sofrendo nas mãos do bullies (valentões).* (KANO - tradução de Brian Watson , 2011, p. 35-36) – Grifos nossos.

Diante desse relato, aqui colocado de modo provocativo, com a intenção de direcionar nossa atenção ao sentido da ação, pode-se notar que o judô nasceu, em parte, da tentativa de Jigoro Kano de superar sua fragilidade diante de abusos sofridos em ambiente escolar. Aqui encontramos um precioso sentido de intencionalidade para a prática de luta, o início de uma história de superação. Jigoro Kano procurou no *ju-jutsu* um modo de eliminar o sentimento de inferioridade que tinha diante dos outros. Diante desta declarada intencionalidade de Jigoro Kano fica a dúvida, como era sua forma de lutar?

A de se notar, no entanto, que esta intencionalidade inicial se modificou historicamente, como o próprio Jigoro Kano aponta no início da citação: *“A motivação que tive pra começar a praticar o ju-jutsu é completamente diferente da que relato hoje ao explicar minhas razões de ter criado o Judô”*. A sua transformação pessoal e a re-organização do *ju-jutsu* em judô com propósito educativo alteraram a intencionalidade de sua prática e ensino. Será que seu modo de ensinar a luta sofreu mudanças em relação ao seu modo de lutar quando estudou *ju-jutsu*?

O que queremos saber é qual a ligação entre a intencionalidade do lutador, seu modo de lutar e como esta vivência contribui para a formação das relações humanas.

Tomando como exemplo o caso descrito, o importante neste estudo preliminar é identificar possíveis atribuições que podem ser dadas a luta de Judô e relacioná-las as diferentes intencionalidades dos praticantes de judô, em especial crianças e jovens em processo de formação, a fim de abrir um leque de possibilidade de observação sobre a desajustabilidade e a intencionalidade.

### **Algumas intencionalidades para a luta de Judô: da necessidade de sobrevivência a necessidade de expressão**

Como atividade de combate, a luta de judô é a interação de duas intencionalidades A-B promotoras de um contato direto da intersubjetividade sendo esta entendida como um modo de relação dialógica com o outro, uma reciprocidade. Nosso objeto de estudo neste caso é analisar se diferentes intencionalidades construídas modificam o ato de lutar. Se o ensino da luta pode construir determinadas intencionalidades, que tipo de modos relacionais são vividos de acordo com essas diferentes intencionalidades e como podemos classificar seus diferentes tipos.

A relação de proximidade vivida na aula/treino de judô precisa ser analisada para além da visão técnica, não para negar sua importância mais para complementá-la.

O homem, como ser carente, é prático; e como ser prático é um ser de relação, ser de encontro e de diálogo, aberto ao mundo, aos outros e a Transcendência. No fenômeno da Intersubjetividade vamos tratar particularmente da sua relação com os outros, do seu diálogo com o TU, pois a existência humana é dialógica. (FEITOSA 1993, pág. 101)

Não tratar o corpo do outro como simples objeto, construir um sentido de interação que reconheça o outro como legítimo outro pelo sentido da interdependência, valorizar uma prática que não reduza a habilidade adquirida única e exclusivamente para um modelo competitivo, favorecer os processos criativos e auto-organizativos nos espaços de vivência e convivência, apreciar o potencial humano de busca constante de SER MAIS bem como apreciar a beleza/estética na complexidade da motricidade são, entre outras, possibilidades de significar a atividade de luta de judô. Este estudo estabelece a possível condução do olhar para o fenômeno da luta a partir da delimitação da intencionalidade do lutador nas propostas de aulas/treino, nas formas de avaliação e nos eventos.

Numa breve trajetória histórica das intencionalidades do ato de lutar desde o *jujutsu* como praticar de arte de guerra, cujo objetivo era manter-se vivo numa batalha, até a atualidade onde a luta possibilita a expressão cultural e estética dos movimentos e das técnicas levantamos possíveis intencionalidades para os praticantes de judô, ou seja, sentidos para o ato de lutar, entre eles<sup>13</sup>:

- A luta pela vida

Origem da maior parte das lutas (artes marciais). Sua função é bélica, para ser feita em campo de batalha.

- A luta para evolução espiritual – auto-superação

---

<sup>13</sup> Por se tratar de um estudo preliminar de caráter propositivo, o levantamento de questões ocupa a maior parte do texto. No caso da apresentação destas possíveis intencionalidades para a luta de judô sabemos ser necessária uma descrição mais detalhada e aprofundada de cada uma delas.

A luta neste sentido é transmitir a essência de um pensamento mediante a prática corporal através do aperfeiçoamento da técnica. Este princípio é chamado de *Shin Gi Tai* (espírito, técnica, corpo). O corpo é o meio pelo qual o espírito se expressa mediante o desenvolvimento técnico. Esta forma de intencionalidade é própria das atividades do budô (via da guerra, via marcial) que na atualidade destina-se à inimigos internos e não externos e outras expressões do Dô na cultura japonesa como Chado (via do chá), kendo (via da espada), Shodo (via da escrita), Kyudo (via do tiro de arco).

- A luta para fortalecer-se - ampliar a auto-estima

Este tipo de intencionalidade é o que Jigoro Kano apresentou quando começou seus estudos no *jujutsu*.

- A luta para desenvolver-se corporalmente.

Há os que lutam para fortalecer o corpo, buscando obter melhor saúde e disposição.

- A luta para superar o adversário – competição

Este tipo de intencionalidade é predominante na atualidade. Grande parte do propósito de lutar está valorizado na vitória sobre o outro em competição

- A luta para superar a desejada resistência do outro. A oposição somada.

Aqui encontramos a intencionalidade ligada ao prazer de ver suas técnicas aprendidas serem testadas com o adversário. O sentido está em ver seu potencial de aplicação de seu aprendizado num combate. Você deseja e precisa do outro para o confronto. Ao mesmo tempo em que deseja o confronto, que a princípio possa parecer um afastamento, necessita da proximidade. É a *desejabilidade da interdependência*.

- A luta lúdica – pelo prazer

Próprio das lutas infantis. O prazer de lutar com o outro está do seu aspecto lúdico, diversão, brincadeira.

- A luta como forma de expressão cultural – estética.

Neste caso a intencionalidade está na dimensão estética da motricidade onde o foco é a demonstração do domínio técnico. É o caso dos *Katas* (formas técnicas) e das lutas de exposição, demonstrativas.

- A luta como linguagem

Podemos nos comunicar por meio da luta. Como toda atividade motora a luta apresenta códigos lingüísticos, significantes, significados. É um falar com o corpo todo.

Mesmo com tantas diferentes intencionalidades que dão sentido para o ato de lutar, de combater, todas elas possuem um potencial de possibilitar a *emancipação do homem*, e, mais que isso, são interconectadas por um conceito que muito se fala e pouco se entende: *o respeito*.

O respeito, que se traduz em *considerar o outro e não negá-lo*, é o que torna as lutas de judô possíveis, independente da natureza da intencionalidade. É esse conceito que separa a luta da briga; o golpe, da agressão. Por outro lado, a construção do conceito do respeito pela vivência da luta, um complexo fenômeno que propomos estudar, apresenta-se de forma diferente de acordo com a intencionalidade dos que lutam.

Por exemplo: uma luta de caráter demonstrativo com dois judocas parceiros de estudo das técnicas estabelece um tipo de modelo relacional de respeito com

características diferentes daqueles que lutam numa competição e que não se conhecem. Assim como é diferente o modo estabelecido, deste processo, durante uma aula para crianças. Considerar essas sutis diferenças é fundamental para compor uma análise sobre os componentes formativos que as lutas de judô promovem no humano e, por elas, dimensionar o quanto são influenciados pela intencionalidade do lutador, pelo direcionamento do Sensei (professor), dos parceiros externos (pais, dirigentes, patrocinadores) e do evento onde as lutas ocorrem.

A partir dessas considerações, ao tomarmos a análise das intencionalidades como referência para a prática motora da luta de judô vamos apresentar três importantes considerações: 1) Ao observarmos as lutas infantis podemos notar que se aproximam da atividade lúdica, um lutar com forte componente de brincar, brincar como o outro, com o corpo do outro, característica própria da motricidade infantil. Observamos que crianças quando lutam em aula, em um ambiente que favoreça a expressão de sua *intencionalidade de luta* (o lúdico), elas sorriem, conversam bastante, se ajudam e se divertem. O mesmo não é observado quando elas estão em ambiente competitivo. 2) Se existe de fato diferentes intencionalidades na expressão motora da luta de judô por que os eventos promotores deste tipo de atividade humana são privilegiadamente competitivos? Por que não promover eventos esportivos de judô que possam contemplar a expressão de outras intencionalidades? 3) Na observação de uma mesma técnica de luta podemos encontrar diferentes intencionalidades, deste modo, um olhar para além da técnica permitirá dimensionar a atividade motora de forma integral, o mais próximo de sua totalidade. *Olhar a técnica sem considerar a intencionalidade e destituir o componente humano da luta.*

O Judô é uma prática de múltiplos significados, sendo que a prática esportiva é importante e relevante para o desenvolvimento global do indivíduo, no entanto os outros possíveis significados devem ter igual relevância num processo de desenvolvimento global. Entendemos que a prática de significados diferentes para o Judô, tais como a defesa pessoal ou o jogo, devem constar de um projeto pedagógico que vise desenvolver o ser humano integralmente, além disso, contribui para que os indivíduos não se especializem precocemente, experimentando assim maior número de possibilidades mesmo dentro de uma mesma manifestação da cultura corporal. (CAZZETTO, 2004 citado por CAZZETTO et.alli 2006).

### **A relação sujeito-objeto-objetivo na prática no Judô: reconhecimento e valorização do outro**

O judô mostra um potencial educativo que deve ser explorado quando se pensa na construção das relações humanas em função da possibilidade de regular os contatos corporais levando-os ao desenvolvimento de valores que fortalecem o reconhecimento pelo outro.

O simples, porém profundo, significado do ato de saudar seu oponente, por exemplo, ao início e ao final de toda atividade de judô, onde os contatos corporais ocorrerão, afirmam um reconhecimento pelo parceiro-adversário e o *respeito pela sua existência*. Esta ação freqüente das aulas e dos treinos de judô, por mais simples que pareça, promove um modelo relacional com profundo significado de consideração pelo outro.

Podemos, agora, analisar a riqueza de sugestão que se encerra também na forma de agradecimento japonesa. *Arigatô* remete aos seguintes significados primitivos: “ a existência é difícil”, “é difícil viver”, “raridade”, “excelência (excelência da raridade)”. Os dois



últimos sentidos acima são compreensíveis: num mundo em que a tendência geral é a de cada um pensar em si, e quando muito, regulam-se as relações humanas pela estrita e fria justiça, a excelência e a raridade salientam-se como característica do favor (...) *Arigatô* aponta assim para o terceiro grau de gratidão, significando a consciência de quão difícil se torna a existência ( a partir do momento em que recebeu tal favor, imerecido e, portanto, se ficou no dever de retribuir, sempre impossível de cumprir...) (LAUAND 2007, pág. 43)

A partir da citação podemos afirmar que a linguagem orientada pela prática motora do judô tende a recriar uma valorização e reconhecimento pelo outro tão necessário para a vida em relação.

Convencidos da pertinência das questões levantadas até o momento e preocupados com a condução das práticas de especialização precoce das crianças e jovens atletas direcionando, apresentado e valorizando excessivamente como única intencionalidade viável para a luta de judô, a superação do outro queremos encerrar este artigo com um momento de reflexão de um Sensei a respeito do significado de ser Sensei.



### **Reflexões de um peregrino**

A plataforma de onde eu anuncio meu discurso o que é? Um podium onde campeões do saber são consagrados? Um púlpito de cuja sacralidade apontam-se caminhos retos ou da perdição? De onde se pode mirar das alturas os que serão salvos e os condenados? Será esta plataforma o suporte da minha autoridade? Palco de onde minha vaidade representa o brilho que julgo possuir? O trono de onde deve reinar o saber? A quem ou à que sirvo quando nela subo? Ou quando adentro o meu império: o dojô? De qual poder me invisto ao adentrá-lo? A que ou a quem empresto minha voz? Sirvo-me da razão ou entrego o intelecto à velhos poderes? E que poderes são estes? Estão em mim, vem de mim? Aos meus alunos declaro o receituário impregnado de dogmas e conformismo? Ou me converto com eles em perseguidor da iluminação, do esclarecimento?

Sou técnico, professor ou educador?

E qual o propósito de cada uma destas atividades? Qual o propósito do Judô? A minha prática conduz àquilo que constitui minha proposta ou ao propósito do Judô? Compartilho aquilo que sei? O saber é poder? Portanto, reservado aos eleitos? Ou é um elemento de cooperação? A minha comunicação afasta ou aproxima, une ou separa? Sei o que ensino quando ensino? Para e por que ensino o

que ensino? Como ensino? Do podium, do pedestal, do púlpito, do trono, do palco? Ou a Beira do barranco, da estrada, do jardim enfim de onde seja possível o riso descontraído, a pergunta embaraçosa, a conversa gostosa, o saborear dos silêncios, o olhar confiante e amigo? O que sou quando visto o *judogui*?

O que é ser Sensei afinal?

Hikari Michi

## Referências

BRITO, E. **A Psicologia como uma ciência empírica segundo Franz Brentano**. Disponível em : <http://www.paradigmas.com.br/parad11/p11.6.htm>

CAZETTO, F. F. **O jogo como meio, o 'tecnicismo' de cara nova: o caso do judô**. Revista Digital – B. Aires – Año 10 – N. 92 - Enero de 2006. [www.efdeportes.com/](http://www.efdeportes.com/)

DANTAS,P. **A intencionalidade do corpo próprio**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001.

FEITOSA, A.M. Alguns princípios paradoxos e equívocos. In: SERGIO, M. et al. **O sentido e a acção**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1999.

\_\_\_\_\_. **Contribuição de Thomas Kuhn para uma epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1993.

LAUAND, J. **Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferência sobre Tomás de Aquino**. Coleção Humanidades. São Paulo: Factash Editora, 2007

SERGIO, M. **Motricidade humana. Contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.

\_\_\_\_\_. **Um corte epistemológico. Dá educação Física à motricidade humana**. Lisboa: Ed Instituto Piaget, 1999.

SILVA, M. R. D. **Conceito de intencionalidade na filosofia husserliana**. Dispon. em <http://inclinacoesfilosoficas.blogspot.com.br/2008/07/conceito-deintencionalidade-na.html>

VIVIANI, A. E. A. **A intencionalidade em Husserl e em Merleau-Ponty**. Revista existo.com. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/artigo3a.html>

WATSON, B.N. **Memórias de Jigoro Kano: o início da história do judô**. São Paulo: Cultrix, 2011.

Recebido para publicação em 13-03-12; aceito em 15-04-12